Os Maracujás

Herman Augusto Schmitz

Poemas

Os Maracujás

Poemas de Herman Augusto Schmitz

Copyright ©2007 (1ª Ed.) de Herman Schmitz
Copyright ©2014 (2ª Ed.) de Herman Schmitz
Copyright ©2021 (3ª Ed.) de Herman Augusto Schmitz

Todos os direitos autorais sobre esta obra - incluindo-se adaptações para qualquer outra forma de expressão artística — são reservados ao autor.

PRESERVE A PROPRIEDADE INTELECTUAL
— Cite as suas fontes!

Capa e Design Gráfico: O Autor
Revisão Gramatical: Prof. Ivone Alves de Lima

ePub Versão 3.0

S355m
Schmitz, Herman Augusto

Índices para catálogo sistemático:
1. Poesia : Literatura brasileira 869.93

Contatos: grafados@gmail.com

PREFÁCIO

Em um dos poemas AS PALAVRAS, Herman cita o Gênesis: E o verbo se fez Deus! Acho que se pode dizer mesmo que o verbo inventou Deus! O verbo é tudo! Este Maracujá que o Herman nos apresenta é o verbo em ação, é o verbo revelador, é, acima de tudo, o verbo recriando o autor.

Os poemas são notadamente autobiográficos, mas longe de ser um clic clic do cotidiano de um sujeito entocado no interior do Paraná, eles falam de um sujeito plural, o personagem/autor acaba revelando-se pessoas, muitas pessoas, eu você e quem sabe até a tua mãe.

O verbo de Herman traz a luz seres notívagos, poetas mundanos, guerreiros do caos, filósofos do deserto, invasores de coquetéis, paixões limosínicas. A cada poema o autor densuda-se um pouco, mas ao mesmo tempo vai desnudando o leitor que, gradativamente, entra em seu jogo verbo/filos/viagem. Como não ver espelhos quando ele diz:

A paranóia começa
quando você vê os tiros acertando

Em outro momento, sentindo que a festa acabou e o

prazer foi embora antes da hora, ele pergunta parodiando Edgar Allan Poe:

— Que ruídos inconvenientes
São esses, invadindo minhas janelas?

Parece que só o verbo pode guardar aquela sensação de irmandade que algumas noites trazem: amigos, conversa, álcool, drogas, sexo, dialética, caos, deuses, cibernética, risos, choros, pratos quebrados, amigos... Herman ressuscita o panteão da noite e redime aqueles que foram expulsos do Édem noturno.

Herman, como todo bom poeta, acerta muitas vezes o alvo móvel da realidade, como ao descrever um sujeito sozinho em casa, acompanhado apenas dos sons audíveis e inaudíveis de seu computador:

E eles se tornam para mim
Meus animais noturnos
Meus morcegos e corujas
Ou pequeninos insetos
(my Bugs)

A cyberpoesia está à solta, soltem seus micros!

Eu já estive algumas vezes na casa do meu amigo Herman Schmitz, onde varamos a madrugada bebendo, conversando, tramando, confessando; uma casa que funcionava como um paraíso particular para aqueles que não lêem jornais, que sabem que um emprego, dinheiro, acordar cedo não são garantia de felicidade. Aquela casa abrigava uma espécie de democracia, iluminista, por vezes era o próprio Areópago e lá liquidificávamos: Bob Dylan, Fante,

Freud, Agostinho, epicuristas & estóicos, fumadores de ópio, Cortazar, Kerouac, Poe... micro e macroscópios apontados para nossa própria aldeia/noite.
Pra você que não pode estar lá, esta é a tua chance de espiar pela fresta e ver a festa. Talvez, como eu, você saia daqui cheio de idéias e planos, ou apenas com uma ressaca rachando teu crânio, mas valerá a pena, porque você nunca mais será o mesmo.

Márcio Américo é escritor, ator e dramaturgo

»

A FOLHA EM BRANCO

Eis a folha em branco!

A folha lívida que te desafia
Um véu sedoso a encobrir o não dito
Uma ausência do além se estendendo
sobre epigramas que ainda nem existem

Folha!
Folha em branco!
sedenta de tinta
de tipos
de letras e expressões
de formas e abstrações

Cada palavra é uma opção
Um risco de liberdade
Predisposto a se revelar mesmo no sentido
mais oculto ou inusitado

Eis a folha em branco!

Assim as letras caem sobre o papel

no abismo gráfico
no redemoinho
no vórtice feroz das composições
das encadernações, dos teletipos

Mas o branco absoluto
Por sua natureza imparcial
Suporta tudo
todas as ideologias
todas as ondas
todas as nuances
todas as filosofias
E todas as tintas insofismáveis

E nessa geografia branca e negra
O pior medo
A mais terrível blasfêmia
O signo cabalístico da infâmia TOTAL

— Soletra-se

CEN-SU-RA

AS PALAVRAS

São tantos riscos, traços, marcas e hieróglifos
tão difíceis de se decifrar

São tantas coisas escritas para se entender
Tantos livros antigos e importantes para se ler

O Livro Tibetano dos Mortos, os Vedas, o Tao-Te-Ching
Aristóteles, Platão, a Retórica Romana
O Gênesis, o Novo Testamento, o Corão, o Talmude
e os poemas Homéricos

São tantas palavras de sabedoria
De Confúcio, Lao-Tsé, Zaratustra, Buda, Jesus
Shakespeare, Newton ou Joyce

São tantas confissões
De Agostinho, de Rouseau, De Quincey

São tantas Declarações, direitos e manifestos
Tratados, Leis, Exposições
Intenções e Elucubrações

O Contrato Social, O Discurso do Método

São tantas cartas de esperança
Tantas palavras amigas ou respostas indiferentes
Altas, nervosas, irritantes e frias
— grafadas na madrugada

São tantas vozes
repetidas, que ecoam, que recitam
— poesias, salmos e mantras

Palavras que suplicam, que pedem
que se despedem; amargas
choramingantes, abusivas, insinuantes
insultantes

Cada palavra é uma opção
Um risco de liberdade
Predisposto a se revelar mesmo no sentido
mais oculto ou inusitado

São tantas palavras imorais
palavras imortais, inesquecíveis
simpáticas, suaves ou roucas

Todas combinações intermináveis de novas combinações de palavras
Todas tão vivas e orgânicas como os germes e as algas

Deuses criam-se pelo poder do verbo

No começo era o verbo, e o verbo estava com Deus
E o verbo era Deus

(Todos os mantras secretos que conhecem os ocultistas
não são mais que sílabas
Palavras isoladas na linguagem da Iluminação)

— AS PALAVRAS!

Ninguém haverá de pronunciá-la
sem que essa pronúncia
não a faça
encarnar-se a si mesma

ÀQUELE QUE SABE

A PALAVRA DÁ PODER

A PARANOIA

A paranóia começa
quando um oficial de justiça lhe toma a casa

A paranóia começa
quando se reconhece o corpo do amigo morto

A paranóia começa
quando gasta todo o salário na cachaça

A paranóia começa
com os ômi batendo na porta

A paranóia começa
quando a cabeça se reparte em duas
e você já não sabe mais qual é

A paranóia começa
quando você vê os tiros acertando

A paranóia começa
num assunto sem graça que vira moda

A paranóia começa
quando se repete, repete e não se diz
mais nada
mais nada...

COM A MORTE N'ALMA

Uma História de Horror

É claro que é um cara
que gosta de se vestir de preto
    sempre um terno preto
Um cara que entra no cemitério ao fim da tarde
e engana o vigia, escondendo-se atrás das lápides
com a idéia de ficar a sós com a morte

E ao crepúsculo
sob um céu cinzento que convida ao recolhimento
ele se ergue lentamente do seu esconderijo
    Primeiro espiona o portão principal
    onde está a guarita do vigia
O clima frio e lúgubre do inverno
afasta todo e qualquer interesse

Ele está a sós no cemitério enorme
São tantos túmulos
Todos cravejados de cruzes
quantas mortes — tantas almas
— destinos ou desígnios?

Viver, viver, viver...
— Como viver nesse santuário da morte?

Pacientemente
ele contempla as cruzes que se multiplicam ao infinito
sua mão procura no bolso interno do paletó negro
um delgado cigarro de haxixe
ele o apanha em seus dedos pálidos
o contempla, prende-lhe a chama mágica
e o fuma

Aspira a fumaça insulsa que lhe viola os pulmões,
— radiosa, por lhe trazer sempre o inusitado...

Ele respira um novo ar...
    Um aroma desconhecido
    e penetrante cruza os seus sentidos
O olfato identifica os átomos sutis da desintegração
átomos que se desprenderam — um a um
— dessa natureza em que tudo se transforma —
e esses átomos modificados
estão como que a que lhe reconstituir o passado

Seu corpo inteiro treme com essa sensação
milhões de pensamentos turbulentos ameaçam a sua razão
a existência se expõe a nu

    o passado — o presente — o futuro

se lhe revelam
nesse ar saturado de morte e do além vida

É quando um cansaço infinito lhe invade a alma
Pois ele vê o seu próprio corpo vivo
— frágil invólucro de esperança —
também sucumbir ao tempo cruel

Mas foi porque ele fumou,
por ter o haxixe penetrado tão fundo em sua alma
que uma paz sublime e infinita
lhe invade o pensamento
e subitamente
parece-lhe que todas essas vidas a seus pés
existem
como que a provar inquestionavelmente a sua razão de
viver

Todas essas tumbas, com seus signos desoladores de morte,
renascem vivas e instigantes na idéia de se estar vivo
Vivo e vivo, de olho vivo, vivenciando, vivendo...

E não é com depressão, nem com mal estar
que ele pula o muro do cemitério,
o muro que o separa da vida e da morte
o muro tão fatal e tão temido

pois é que enfim

a vida sobrevive

LIMUSINE DO AMOR

Para/ Áurea

Meu amor é grande como uma limusine
Quando saio na rua
Todos se admiram e se espantam

Seu coração é tão grande como uma limusine
Nele cabe tanta gente
Que até eu mesmo me espanto

Mas não é uma limusine presidencial
Toda preta, à prova de balas
E com persianas brancas nas janelas

Não, é uma limusine alegre
Toda enfeitada nas cores do arco-íris
Com portas que se abrem ao menor sorriso

Há alguns dias atrás, eu me senti muito sozinho
Embarquei nela e saí pelas ruas em busca de companhia
Passando ao largo de uma avenida abri as portas e as janelas

Cada um que passava e sorria, eu recolhia
Até formarmos uma grande troupe
Bebemos, cantamos e falamos alto
e amanhecemos o dia

O DJ

Como introdução uma balada estilo Folk Rock

Algo em Mi maior, daí para Sol e Lá maiores

Poderia se estar cantando:

Droga de Som, Droga de Som
Droga de Som, Droga de Som

Agora um solo de guitarra
Para acompanhar essa leitura:

A música é o momento em que voltamos no tempo
É noite
E a noite se abre para o Dj de si mesmo

O mercúrio teima em subir
são 37, 38, já nem mais conto
A febre mancha a minha pele e me faz suar

e este suor é um suor frio de se congelar

Inevitável
A música me invade em cada átomo
e em cada neurônio
brilhando como uma dança nuclear

DJ para si mesmo!
Striper sonoro
angústia no ar, no som
nas ondas
ondas

Cara!

De cara!

se quebrando ou se levantando
a cada acorde
a cada solo de B. B. King

Os pássaros não cantarão tanto, jamais!

DJ do futuro — uma estação só para você!
DJ de si mesmo — o que irá me apresentar agora?

Outro solo de guitarra, certamente!

MAS JÁ

Nesta vida há quatro coisas que não podem ser interrompidas jamais! — O sono, a saúde, a riqueza e o sexo.

É fácil de se imaginar o cenário:

Uma luz morna reflete
O dourado dos copos
E por sobre as cabeças
Os anéis de fumaça
Turvam-se como os pensamentos

Os estofados são mais macios
que as patas de um gato
Frases são trocadas com a mais pura sabedoria
E a música
Ah, a música é simplesmente perfeita!
— Oh! Noite das noites...

Lá fora,
Os vizinhos dormem com os anjos
E as estrelas são a nossa única companhia

Mas eis que de súbito

Uma nova cor se insinua no horizonte
e imperceptivelmente,
Aparecem átomos contrários
a subjugarem esta nossa atmosfera

— Que raios de luzes são estas clareando o horizonte?

Será que sem querer
conjuramos errado
e o poder nos foge brevemente?

— Mas já amanheceu?

Um amanhecer elétrico
Onde os raios do sol
me tiram Vênus e a Lua
e me dão em troca
— os carros e a rua

— Que ruídos inconvenientes
São esses, invadindo minhas janelas?

— Serão somente caprichos
da nossa imaginação sobressaltada?

Para confirmar
Eu saio na sacada
De onde eu saco tudo

— Não, não é imaginação
Lá estão eles:
Veículos ensandecidos correndo atrasados na minha rua

— Por que teimam em rodar
levantando essa fuligem de cidade?

(Nesta vida há sempre que ter o que nos desafiar
O dia-a-dia
É tão inútil e tão útil)

— Mas já amanheceu?

— Que trinados são esses de Pássaros em minhas árvores?
— Mas já acabou a cerveja?
— Que tilintar retinente é o desse telefone maldito!!!
— Mas já tá todo mundo indo embora?
— Mas já tá fechando o bar?
— Mas que caralho, já acabou a grana?
— Mas já gozô?
— Mas já acordei?
— Mas já dancei?
— Mas já foi minha vez?

— MAS JÁ!??!

O AMOR É UMA PARTE INVISÍVEL DO CORPO

Se te amei

Amei
Todas as tuas defesas

Amei
Todos os seus vícios

Amei
Hábitos e hálitos

Amei até o esgotamento
das nossas sensações

Quem somos nós dois agora?
Amantes, amores de uma só alma?
Peles sobre cheiros
Prazeres e desejos satisfeitos?

O Amor é uma parte invisível do corpo

SONHO PERVERSO

Numa noite inconseqüente
Abrem-se as portas de uma boate
    Bebe muito, ri muito, conversa às cegas
        Olhares se entendem
        Trocam-se sorrisos
        Sentam-se juntos

Acorda com um peso na cabeça
Um gosto esquisito na boca
    E uma umidade incômoda nos lençóis

Desperta subitamente a memória
    A seu lado se deita um desejo realizado
    Um corpo em repouso

Num sonho de anjo perverso

OS GÊNIOS

Os gênios realmente
saem das garrafas
alcançam a mente
e satisfazem desejos

Nas mil e uma noites
Surgem muitos gênios
Mas os mais geniais
São os das nossas noites encantadas

Os gênios hoje
são os caras
Que alteram o cotidiano
Com suas surpresas

Mas os gênios
Os gênios de verdade
São aqueles que atendem os meus pedidos
Bancam uma noitada inesperada

E desaparecem na hora exata

ARTISTA DAS VERNISSAGENS

Eu te convido
Vamos lá
um vinho bom
é o que há

A boa arte que nos abençoa
Nos faz algo mais
personalidades existentes
De alguma forma diferentes dos normais

Almíscar e tabaco se mesclam
e nos unem num verniz etéreo
Arranjos de cores e formas
de algum modo nos tornam originais
Artistas de ocasião que aparecem na hora exata
e fazem arte da própria arte

Acasos fortuitos
Brindes em boa companhia
O dia-a-dia dos que vivem da arte

Não possui calendário
E como
O tempo engole seus próprios filhos
Nos despedimos

Acabou o vinho
Acabou a arte

NATASHA

Sua figura me atrai na noite
Com os olhos re-desenhados
com o lápis da sugestão
seus cabelos negros
me despertam a atenção

— Será o quê?
Mulher? Um garoto? Que coisa!
Magro como uma mocinha
De um casaco feminino
— vermelho escarlate
desponta uma mão branca como pérola

O que desejo? Ele? Ela?
— Não
Desejo o andrógino,
essa coisa indefinida
essa extraordinária beleza
que repousa no equilíbrio dos gêneros
E o que será amanhã, à luz cruel do dia
Uma desfaçatez?
Uma ilusão formada pelas fumaças dos cigarros

Pelas brumas da embriaguês?

Mas nada disso importa
A ilusão foi impressa no infinito da mente
E é isso o que se fez

O amor seria isso?
— Um olhar: uma idéia
Sempre assim
Pura força de uma ilusão?

Ou será o amor
Apenas uma sensação física
O desejo da possessão

paixão

tesão?

— Mas, não, não e não
Não pode ser somente isso!

— Natasha!
— Natasha!

— Onde estará você agora?

O PERFIL DO AVENTUREIRO

Deve se chegar
    sem lastros morais
    nem convicções fortes
    Esta deve ser a base do seu caráter

Ver em cada fatalidade uma oportunidade
e em cada momento uma diversão desdenhosa

O principal é observar as fisionomias
guardar nomes e saber esquecê-los
e com um pouco de talento
    ser poeta e bandido
    quase um cavalheiro
    quase um sábio
regido ao impulso dos sentidos

Não professar
nenhuma profissão ou religião
A sua roupagem é o espírito
que deve ser de uma agilidade encantadora

Nervos frios mesmo na volúpia

pois é empurrado pelo impulso de viver
O jogo lhe favorece
Jogador do jogo da vida
faz dela o seu cenário de aventuras

Fazer da sinceridade mais um truque
e ter sempre a coragem de abandonar
sem saudades — essa corrente de ilusões —
a falsa proteção
do calor de um lugar

Ser, enfim
um flaneur
a se deslocar por estes salões
em que se representam
sempre as mesmas comédias

NÃO ME VENHAM COM ESSA

Não me venham com frases feitas
Não me venham novamente dizer pra eu trabalhar
E nem me fale da importância da grana, cara!

Há muito que tenho ouvido coisas assim
Essa mesquinharias
São tão importantes como as quinquilharias
Pré-fabricadas que enfeitam a vida das pessoas

Perguntem-me antes:

Perguntem-me
Por que é que eu não quero viver a vida digna de
um cidadão organizado
Perguntem-me
Por que eu não quero me divertir
somente depois de uma semana de cinco dias
Perguntem-me
Por que eu deixo a vida rolar e o acaso me destinar
Talvez eu tenha respostas
Talvez não...

Agora,
Agora eu é que pergunto
— Vocês estão felizes?
Então,
— NÃO ME VENHAM COM ESSA!

MANIFESTO DA POESIA ZOOM

Quero agradecer aqui o parceiro Augusto Silva que divide a autoria deste manifesto.

ARMADO APENAS DE PALAVRAS
O POETA ATIRA E ACERTA NO QUE NÃO MIRA

MICROSCÓPIO:
O DIA-A-DIA DAS BACTÉRIAS

TELESCÓPIO:
A NOITE-A-NOITE DAS ESTRELAS

NEM ZEN QUE NÃO TEM

ENTÃO TE DOU VINTE POETAS DIFERENTES
PRA VOCÊ PASSAR EM BRANCO

ESCREVEU NÃO LEU O POEMA É MEU
NA CITY OU NO MATO É COBRA ENGOLINDO SAPATO

DIXAVEX!!!

NO FUTURO CRIANÇA JÁ VAI NASCER SABENDO
VOCÊ QUE É MODERNO PERDEU AS NOVIDADES

LENDO

PÓS, CONTRA OU RETRÔ, LÁ VAI O METRÔ, SINHÔ

E VOCÊ?!
SINTA O GOSTINHO DA PIMENTA MALAGUETA

A QUE PREÇO!

Quando temos
Pensamos que levamos

— Mas a que preço
Deitamos e rolamos?

Preço algum me manda ou me devolve!

— O que vale
Um figo murcho
uma bola furada
ou uma massa podre?

— PESSOA!

A vida se vende
Sem desconto!
Nenhum centavo a mais se subtrai
Se todos somos reféns
de quem tem mais que o troco
Meu resgate eu mesmo pago

— Concordo sem apreço

A moeda?

— IDENTIDADE!

O SUPREMO CAOS

Aqueles que ainda acreditam em maravilhas que me ouçam...

Se algo ainda pode te surpreender
Se alguma coisa ainda pode te prover do inesperado
Se alimentas qualquer espécie de
esperança no poder do acaso
Pode estar certo
O que está para chegar
O que está vindo

SERÁ FILHO DO CAOS!

Ele, somente Ele
Possui a força suprema
Capaz de interferir na ordem aborrecida das séries
Ele é o único princípio absoluto
É Ele quem distribui as desgraças e as graças
É Ele quem rege desde os primeiros segundos do universo

É dele a unificação da matéria, dos átomos e das moléculas
TODOS SOMOS FILHOS DO CAOS
TODOS SOMOS FRUTOS DO AZAR
TODOS SOMOS AS GRAÇAS DA SORTE

CAOS, CAOS
OH SUPREMO E PODEROSO CAOS!

Deitai a tua pá nessa engrenagem enfadonha
Golpeai e distribui teus tentáculos em nossos caminhos
regulares e aborrecidos
Fragmentai e interferi nessa ordem absurda que nunca cessa
Tua é a nossa suprema imperfeição
Porque só em Ti repousa o maravilhoso
e o deslumbramento
o momento oportuno e a ocasião
Nossa vida e nossa morte

No estranho, no insólito
No ridículo e no fatal

É aí que tua presença se manifesta
E tenhamos no acidental e no surpreendente a nossa força
Porque só assim estaremos participando do universo

CAOS

Livrai-nos de tudo que seja eterno
Tirai-nos do supremo tédio
E deixai- nos algo que valha a pena

Ok!

DIÁRIO DE SEMPRE

Você Já Leu as Noticias Hoje, Cara?

“Estou certo
de nunca ter lido qualquer notícia memorável em um jornal
Quando lemos sobre um homem roubado
ou assassinado
ou morto em um acidente
ou uma casa incendiada
ou um navio que naufragou
ou um vapor que explodiu
ou uma vaca que foi atropelada na Wester Railroad
ou um cachorro louco que foi morto
ou um punhado de gafanhotos no inverno

nunca mais precisamos ler mais coisa alguma desse tipo
Quando você conhece o princípio,
— qual é a finalidade
de uma infinidade de instâncias e aplicações?

Para um filósofo
todas as notícias
como as chamamos

são mexericos
e aqueles que as lêem e as editam
são mulheres velhas fofocando em torno do chá”

David Thoreau — Walden, 1854

Você já leu as noticias hoje, cara?

Did you read the news today, oh boy...

UM MAPA DAS DUNAS

O Atacama é um imenso deserto
Um vento pacífico
varre esta areia rica de sal
cobre, zinco e ferro
que mescla-se nas poucas montanhas
espaçadas por aqui e ali

Aqui não há vida como a conhecemos
É uma espécie de solo marciano
Decididamente nada pode sobreviver aqui
Somente uma vida mineral indefinida
espalhada pelos milhares de grãos de fina rocha
Regidas por um tempo geológico
na longa lapidação entre as eras
necessárias
para moldar esses arranjos caprichosos

O Nauta terrestre
vê um mar de terra
As ondas são franjas de sal
encrespadas ao sol

Essa transposição do infinito
está na sensação de intemporalidade desses lugares
— aparentemente intermináveis —
que expõem uma matéria diferente da que somos formados
É uma cicatriz, um hematoma na crosta terrestre
um arranhão que nos deixa espiar uma curiosa
natureza interior

E quando avisto novamente os primeiros sinais da
civilização
— árvores, animais, pessoas e suas casas
fecha-se um ciclo em minha mente
A natureza da luta pela vida
nele se auto explica
pois se estou aqui
é porque sobrevivi

TELESCÓPIO MACROSCÓPIO

O Grande Telescópio
É alguém em pleno deserto gelado que me segue
com uma sombra original e curioza
a correr veloz pelas salinas brancas

Não preciso confirmar
basta sentir seu aço brilhante até a alma
É uma construção que surpreende
num lugar tão parado como esse

O significado dessa besta me assusta
pois uma nova criatura olho
num turbilhão de reflexos oculta
por conta do manto da sabedoria
o sentido deste apêndice ameaçador
na solidão de um dia claro

Anseio pelo desconhecido, não é?
— Na verdade
É aqui que se sabe o quanto não se sabe
O universo é desconhecido
para muito além do alcance da mente

Lá está ele novamente
Um arco brilhante e prateado
uma cúpula de onde se espera o intangível
e por isso mesmo o mais desejado

Continuo o meu caminho
Com a certeza de que aqui
nesse pequeno planeta azul
Uma cúpula resplandecente
Guarda sobre um deserto gelado
Um grande olho humano estendido aos confins do universo
Catalogando nas noites geométricas
por seus estóicos espelhos
A maior de todas as dúvidas

— Haverá alguém lá fora?

NOITE: LUZ E SOMBRA

É madrugada

A realidade é medida pela luz e pelas trevas

Nas ruas, nas casas
são muitos os pontos luminosos
a nos fazerem reais

As cidades sobrevivem
à custa das suas luzes

A iluminação artificial
obriga nossos sentidos se re-adaptarem
e é isso o que nos ilude
pois é um tremeluzir de realidade

A noite
É repleta de sugestões
de sombras fugidias
a que damos o nome dos nossos medos
Que podem ser traições
Pesadelos, um engano fatal

Mas do espaço obscuro e misterioso
Nada disso importa

Meu amigo alienígena
Só enxerga as maiores
Cidades

E por ele saberemos que todas são aldeias

aliás

— Serão Todas as Nossas Aldeias!

AS MÁQUINAS NOTURNAS

Elas
sussurram por todas as noites
São engrenagens sutis
rolamentos e relês
reles motores
rodopiando em si mesmos
durante a madrugada

Adoro esse ronronar misterioso
que vem dos bancos fechados
quando passeio na noite

As calçadas vazias que ressoam meus passos
e as vitrines que iluminam meu contorno
são diluições mais sutis da realidade
Que estão muito mais próximas da imaginação
— Esta que se compõe com as máquinas —
do que da poderosa claridade do dia
onde a multiplicidade caótica
ressoa e apavora
ao ponto de se perder os sentidos

Quando as máquinas
trabalham sozinhas na noite
Se ouve é este ruído surdo
que vem dos ventiladores secretos
em suas entranhas
ou dos transformadores
atuando sobre as suas cargas elétricas
que se atraem e se repelem
numa multidão de freqüências

Não deixo de sempre me surpreender
com essa constância sonora
e aos poucos eu vou identificando cada um deles
E eles se tornam para mim
meus animais noturnos
meus morcegos e corujas
ou pequeninos insetos
(my Bugs)

Na sarabanda de uma lâmpada

AS NUVENS

Cada vez que olho para o céu
não me canso de pensar nessa geografia etérea
Nessas figuras insólitas que gesticulam morosamente
Nesses seres filiformes se arrastando e se contorcendo
que se configuram como uma grande mitologia
mutante e celeste
e penso no quanto é impossível de se fazer um mapa dessas
regiões inconstantes

Grandes acumulados de nuvens geram tempestades
e o lento encontro de alguns cirros nas tardes de verão
vão aos poucos formando figuras esguias e felpudas
que dizem a cada um uma imagem dos seus sonhos

Não há duas nuvens iguais
Não há duas pessoas que vejam a mesma cena
As nuvens me fazem pensar
        Pois elas são como a vida
estão sempre em movimento
em combinações fortuitas
            Compondo
com o que está ao seu alcance

O cenário de cada sonho

OS PÁSSAROS

Como você pode tudo conhecer, se qualquer pássaro que corta os céus, está imerso num mundo de delícias, negados aos seus cinco sentidos? — William Blake

Amanhecer cheio de dúvidas
Uma noite insone de planos e dívidas
Abro a janela e me deparo com eles
São tantos e parecem tão atarefados
barulhentos e inquietos
Que intenções secretas os animam
em seus vôos incessantes?
Pequenos desejos, por certo, os orientam
E na casualidade de seus destinos
Eu vejo uma nova espécie de loteria
Pode alguém predizer em que direção voará agora aquele pássaro?
Isso me dá uma idéia maluca
Vejo uma pomba branca como a neve
pousar em um fio no centro da rua
Eu aposto comigo mesmo que ela irá para o sul
Ela me olha como que perscrutando o meu desejo
molha suas penas, olha para baixo e para os lados
se ela for para o sul, penso eu, farei isso e aquilo
Mas ela sobe, com um impulso incomum

me deixando aqui, na ânsia de também subir

OS VIZINHOS ONISCIENTES

O inferno são os outros - Sartre

Na cidade você nunca está só
Há sempre uma janela indiscreta
Com alguém a te vigiar

Um solitário se inquieta
E o paranóico encontra todos os motivos para o ser

Há sempre alguém na espreita
Esperando um vacilo teu
Pra te denunciar

O incauto segue inocente
E o desconfiado se desespera

Na cidade há sempre alguém
De tocaia numa esquina escura
Esperando para te saquear

Para o boêmio não há desculpa
E esteja feliz quando se chega com a roupa

Porteiros, vigias e espias
Indiferentes a tudo — nos observam mudos
— Quem tá vendo quem tá vendo o quê?

O ESTRANHO

Ser independente é ser estranho, e ser estranho é ser detestado.

O estranho
    começa com a sensação do diferente
O estranho
    É quando essa coisa continua
    e você percebe que
    o que está acontecendo é algo realmente
        Muito Estranho!

Mas o estranho nem sempre é algo inusitado ou original

O estranho
    Pode ser somente uma impressão
    Uma suspeita, um tom que destoa
    O efeito de uma droga...

O estranho
    Está em qualquer coisa

As vezes, Eu mesmo Me estranho
    quando olho para as minhas mãos, por exemplo
    e elas me são desconhecidas

— Minhas próprias mãos?
— Meu tão próprio corpo!
Estranho...

Então, eu mesmo me desconheço?
Mas estas são suposições complicadas...
— Voltando ao estranho

O estranho
dos acasos fortuitos
das ironias do destino
das peças pregadas às custas da nossa credulidade

O estranho
das confissões íntimas
da visão de como algumas pessoas vivem

O estranho
é o louco
— O louco é estranho?
— Sempre, sempre...
Se é louco, é porque é estranho

O estranho
é também o estrangeiro
o desconhecido de origem e de intenções
o impenetrável

O estranho

são todos os elementos
alheios
A ESSE COTIDIANO TÃO BANAL

O GRANDE DUELO

Meu Deus, dai-me a força e a coragem, de contemplar meu corpo e minha alma sem desgosto. — Charles Baudelaire

Para ser um Homem, um homem completo
o momento preciso não basta
Há que ser relâmpago
ter a rapidez do cirurgião
e o domínio exercitado de si mesmo
Zumbe, entra, sai
sobe e desce voando
criatura de si mesmo
Repentinamente: degraus desconhecidos
despenham-se adiante
transportando pavor e incredulidade
    — Adiante! — Adiante!
Correr eternamente
a saltar obstáculos e obstruções
    — Maratona da vida
Sorver de um só fôlego todo o ar e transpirar sempre
sempre mais além
somente um pouco mais...
    E nunca se chegará ao fim
Homem-Universo:

Quanto mais do fim se avança
tanto mais é a distância
É tudo relativo
relativo a quem vê
Quando o universo se expande
Há segurança e vitalidade
Quando se contrai
Há dor e futilidade
Somos dois eus
Nos encostamos
espádua contra espádua
Um roçar impertinente e impetuoso
— Atire! — Atire!
E nos atiramos no vazio
Como que a preencher este vácuo que nos rodeia
Ambições, estigmas e falsidades
Cotidiano, família e propriedade
Tudo muito simples, claro e inteligível
— Meu grande e imenso eu
São só vinte passos
Nos afastemos e que vença o melhor!
Mas ele se nega a lutar
Eu também me recuso a lutar
E por fim nos quedamos inertes
Ombro a ombro
Ele vê o dia
Enquanto eu vejo a noite
Ele vê o trabalho
Enquanto eu vejo o ócio

Ele Vive — Eu sonho

O ERMITÃO

Você já percebeu
O quanto é difícil hoje
Ficar sozinho

Verdadeiras grades, teias, redes
    de participações
    de compromissos
    de alianças
    de acusações
Nos cercam implacáveis

Câmeras, vizinhos
Janelas indiscretas
Polícia e pesquisadores
Mineradores de comportamento
Nos seguem a cada passo

O eremita de hoje necessita:
    um apartamento de cobertura
    um advogado
    um administrador
    E uma fortuna

A DOR

Estoicismo?
Epicurismo?
Iconoclastia?

— o que será o certo?

Tantos já sofreram, e para quê?

Ah!? — É a dor que me visita novamente
um sentimento de infinita angústia
que vem de não sei de onde

Por que sofrer tanto?
Nicotina, álcool, uma boa noitada
e tudo se resolve

— Mas que merda!?

QUEM É VOCÊ?

Eu,

Eu sou profeta assim como João Batista;
Sábio como Salomão;
Drogado como Baudelaire e Bourroughs;
Visionário como Blake;
Atual como Bill Gates;

&

Rebelde

— E QUEM É VOCÊ?

STAND SURREALISTA

Esta poesia é a mais antiga desta coletânea. Resistiu às intempéries do tempo, passou por naufrágios e cruzou fronteiras; ela persiste tanto quanto uma verdadeira amizade, e por isso é dedicada a minha grande amiga Maria Tereza.

Nossa representação começa sob disfarces
numa paródia de um grande baile de máscaras

O Eu retorna à sua casa distante
e é neste subúrbio
que ele apreende o sentido final dos objetos

Próximo à porta
uma apatia infinita deforma as horas
A lâmpada no rosto inaugura
as frestas que vão crescendo dispersas
armando a armadilha viscosa de pigmentos policromáticos
Os olhos fixam um violão aniquilado
Um disco gira debruçado sobre si mesmo
A serpente escorre corpo a corpo no sonho
Idéias em equilíbrio buscam verdades
Que fogem do ser como a música
— Instante nebuloso do pensamento —
Entra na cozinha e descobre um nome na sombra
re-explora atento essa ausência física

Gravata afundada no pescoço
Uma pluma entrelaçada no chapéu ridículo
As pernas esticadas sobre a cama
e o incenso que se espalha de uma garrafa vazia

O ladrão erótico
    Rebelde psicanalítico
        Faz compras de noivado
        já sonâmbulo
        joga fraudulentamente xadrez no computador

        Uma borboleta amarela
        com as asas em chamas
        rodeia o seio da Bela Absurda

Que acorda com um morcego esquisito lambendo sua face
    Uma transformação secreta do noivo

Uma esfinge nua cavalga na incerteza da noite

Na vegetação amortecida pelo vento
de galhos inquietos como na sinfonia de Disney
um frio lhe invade o rosto e Ilumina os olhos
A profundidade do infinito mistura as origens
Esse espaço todo ameaça o doente
por causa de sua claustrofobia
A fantasia assume o paradoxo
aproxima o sentido da alma

Sobressaltado

Acorda com os olhos mesclados de sono
foragidos dos sonhos

Contagiado pelos símbolos que torturam

Revela-se uma dor secreta
que vem de lugar nenhum

Pintado na parede:

Um Deus bêbado no Nirvana
cambaleando em direção à eternidade
Em busca de liberdade

OBSESSÃO

Se ver no seu lugar é uma aprendizagem
— Silêncio!
Olhos fixos
Vamos contemplar

Na mente o quadro reluz como um
retrato em alta resolução

Todo o momento é arquivado
pelo biográfico
Memórias tão fartas
Mil coisas
e às vezes nada ao mesmo tempo

Algo se faz solução
pelo acaso
Mais uma verdade
E o que prova?
Continuo vigilante
impassível
Mudo como um bloco de cimento
Fixo os olhos inertes

duros

E os lábios
mesmo famintos não se mexem

Prodigiosa beleza
Entrego-me surpreendido
por uma apreensão desconhecida
E sorrio um sorriso espirituoso
que escorre
que se espalha

Palavras são um instante
Banalidades do pensamento
trivialidades

O riso cessa
firmeza da razão
Enxugo a testa e as imagens se esticam
livres
dessemelhantes

Todo meu corpo arde faminto
pelas mentiras em letra fina
Pronto
É bonito
Ousado
Comunica-se por um rio de
sentimentos

Fantasmagorias
Loucuras

Soluços herméticos
Céus puros de êxtase

O tom exato da razão
que não tem
Me convence
Persiste na mente
sempre e sempre
Incessante

Chama-se a isso

— Obsessão?

FANTASMAS INTOCÁVEIS DA SOLUÇÃO DIALÉTICA

Metade sombra
Metade luz
Assim divide-se a Iluminação
Dos corpos celestes
Dos corpos humanos
Das partículas atômicas

Os insetos dançam ao redor das lâmpadas
O sol hipnotiza o girassol
Os homens iluminam suas ruas e suas casas

Como o mar
recebendo eternamente os rios voluptuosos
A claridade revela os elementos

Iluminados
os homens de ação e as águas correntes
realizam um ato em si

EVOLUIR
Para esses

o objetivo é agir
conquistar espaços
Não importando a direção
ou a conclusão da jornada

Esses homens turbulentos
atrelam vida a movimento acelerado
Ocorre daí enunciarem a prioridade da velocidade
Julgam a vida distante
Necessitam rapidez para alcançá-la e cruzá-la

No entanto
quis a metade sombra
O ECLIPSE

Acontece existirem então
Os Vagos
Os melancólicos devotados às águas paradas e profundas
aos lagos escuros e crípticos
Uma raça afogada
obstinada em enganar o mar

O natural seria progredir
Mesmo que para retornar à origem
A energia expande-se
O universo alonga-se a cada segundo
LOGO
Contemplar é anti-evolução
é contraproducente

O universo
está em expansão até o fim
ou contraindo-se até despenhar-se sobre si mesmo?
Dependendo da direção do tempo
podemos estar voltando
Mas chegar ao fim do universo
É impossível

E essa impossibilidade resulta
De que quanto mais para o fim se alcança
tanto mais é a distância
De forma
que está tudo
absolutamente parado

O sofisma não me ilude
Uso o corpo como submarino
e o meu coração
para submergir no asfalto molhado
contemplando a própria noite

A correnteza enfrenta-me com espasmos
Esparsos faróis quase cegando-me

Mas para quem vive assim
A eternidade é como uma vista para o mar
para o Infinito

Não mais acelero

Paraliso o tempo dentro de mim
Cada instante agora é uma eternidade

E como Zenão, Aquiles e a tartaruga
— Uma tartaruga, entendem?
        Uma simples tartaruga
Eu fico aqui a contemplar
E só posso, — não julgar —
Mas sim — Observar
        Ah, ah...
Observar — me entendem?

O DESTINO SELADO

E por detrás da fechadura do tempo
eu me vi

Numa noite escura e tenebrosa
em meio à solidão de uma mesa de escrever
com dezenas de pequenas anotações
repassando à minha frente
a luz mortiça de um abajur

Quando surge uma sombra negra
que se desloca me envolvendo

Esses papeizinhos
são agora como que poeira em minha mente
que se desdobram ao vento

Minha última recordação...

E que será tudo isso na tua mente
na tua mente
na mente
— Presente?

O FIM DAS IDEIAS

Onde estão as palavras?

Nas bocas dos tolos

Onde estão os sinais da sabedoria?
Para onde foram os verbos malditos?

Desta ignorância aprazível em que vivem todos
E graças a repetição inesgotável da palavra “mentira»
Me julgo ao gosto de não me pronunciar sobre essas questões

E se agora há quem diga “sei” não estarei aqui para ouvir

SOBRE O AUTOR

(Pequena biografia de um self made man)
O que importa falar de si, para o autor de um livro? Eu acho que é uma, começar pela origem da sua arte. — O que te fez cobrir todas essas folhas em branco? — Pra ser sincero, a arte está na vida, eu, por exemplo, estudei o segundo grau num seminário, e esta foi uma oportunidade de fazer arte; esteja-se claro que foi uma época muito proveitosa em que eu pude fazer um pouco de tudo: teatro, música, pintura e literatura. Mas o verdadeiro debut na arte ocorreu, já fora do seminário, no curso de Ciências Sociais da Universidade Católica, onde o meu amigo e diretor Anibal Marques me convidou para fazer parte do Grupo de Teatro Inquisição, que foi um marco importante no cenário curitibano, pois era um núcleo onde participavam Roberto Prado, Marcos Prado, Tadeu Woitchescovski, o grande Paulo Leminski, entre outros.
Depois desta experiência, montei um grupo de Teatro chamado 3,1416, o qual congregava uma equipe eclética com formação intelectual, artística e de engenharia eletrônica, disposta a criar uma nova linguagem, fusão de todas estas tendências.
Como dramaturgo, escrevi os seguintes textos: Avantpirada

– Prelúdio Monetário para um Conserto Urbano (1982), Sinfonia Desconcertante (1983) e Gutemberg Blues — em parceria com Rogério Kalinowski (1983), montados pelo Grupo de Teatro 3,1416 e os textos ainda inéditos Quando a Música está Alta, A Guerra e Tecnofobia.

Publiquei, em Curitiba, o livro de poemas O Olho da Câmera, numa edição limitada a cem exemplares; isso em 1984.

Paralelo ao meu envolvimento com as artes, sobrevivi de forma irregular e caótica: fiz publicidade para a marca Waikiki, trabalhei em rádio, fui gerente de uma empresa por alguns dias, escrevi contos para revistas eróticas, fui produtor executivo e iluminador de teatro, mas na maior parte do tempo, não fazia nada e andava sempre duro.

Foi talvez, por esse motivo, que viajei de carona por toda a América do Sul e norte do Brasil. Uma viagem inconseqüente e perigosa, que felizmente me restou muito útil para o meu desenvolvimento pesoal.

Cheguei em Londrina no início dos anos 90 onde estudei de maneira autodidática o design gráfico, a editoração eletrônica e a manutenção de computadores e com isso pude sobreviver financeiramente.

Atualmente mantenho dois blogs literários: os Grafados (http://grafados.blogspot.com.br/) e os Marcianos Como no Cinema (http://marcianoscomonocinema.blogspot.com.br/) e estou na fase final do meu primeiro livro de contos de ficção científica a ser intitulado: TERRASSOL.

Para esta segunda edição dos Maracujás foram feitas

somente leves alterações nas poesias originais e acrescentadas outras mais recentes. Espero agradar.
Herman Schmitz, Londrina 13 d outubro de 2014

Índice

Prefácio
A Folha em Branco
As Palavras
A Paranoia
Com a Morte n'Alma
Limusine do Amor
O DJ
MAS JÁ
O Amor é uma Parte Invisível do Corpo
Sonho Perverso
Os Gênios
Artista das vernissagens
Natasha
O Perfil do Aventureiro
Não Me Venham Com Essa
Manifesto Da Poesia Zoom
A que Preço!
O Supremo Caos
Diário De Sempre
Um Mapa Das Dunas
Telescópio Macroscópio
Noite: Luz E Sombra
As Máquinas Noturnas
As Nuvens
Os Pássaros
Os Vizinhos Oniscientes
O Estranho
O Grande Duelo
O Ermitão
A Dor
Quem É Você?
Stand Surrealista
Obsessão

Fantasmas Intocáveis Da Solução Dialética
O Destino Selado
O Fim Das Ideias
Sobre o Autor